

# *Análise das Últimas Propostas (FUVEST, UNESP e UNICAMP)*



# Análise das Últimas Propostas (FUVEST, UNESP e UNICAMP)

(FUVEST 2015)



Área Reservada  
Não escreva no topo da folha

*Na verdade, durante a maior parte do século XX, os estádios eram lugares onde os executivos empresariais sentavam-se lado a lado com os operários, todo mundo entrava nas mesmas filas para comprar sanduíches e cerveja, e ricos e pobres igualmente se molhavam se chovesse. Nas últimas décadas, contudo, isso está mudando. O advento de camarotes especiais, em geral, acima do campo, separam os abastados e privilegiados das pessoas comuns nas arquibancadas mais embaixo. (...) O desaparecimento do convívio entre classes sociais diferentes, outrora vivenciado nos estádios, representa uma perda não só para os que olham de baixo para cima, mas também para os que olham de cima para baixo.*

*Os estádios são um caso exemplar, mas não único. Algo semelhante vem acontecendo na sociedade americana como um todo, assim como em outros países. Numa época de crescente desigualdade, a “camarotização” de tudo significa que as pessoas abastadas e as de poucos recursos levam vidas cada vez mais separadas. Vivemos, trabalhamos, compramos e nos distraímos em lugares diferentes. Nossos filhos vão a escolas diferentes. Estamos falando de uma espécie de “camarotização” da vida social. Não é bom para a democracia nem sequer é uma maneira satisfatória de levar a vida.*

*Democracia não quer dizer igualdade perfeita, mas de fato exige que os cidadãos compartilhem uma vida comum. O importante é que pessoas de contextos e posições sociais diferentes encontrem-se e convivam na vida cotidiana, pois é assim que aprendemos a negociar e a respeitar as diferenças ao cuidar do bem comum.*

Michael J. Sandel. Professor da Universidade Harvard.  
O que o dinheiro não compra. Adaptado.

**Comentário do Prof. Michael J. Sandel referente à afirmação de que, no Brasil, se teria produzido uma sociedade ainda mais segregada do que a norte-americana.**

*O maior erro é pensar que serviços públicos são apenas para quem não pode pagar por coisa melhor. Esse é o início da destruição da ideia do bem comum. Parques, praças e transporte público precisam ser tão bons a ponto de que todos queiram usá-los, até os mais ricos. Se a escola pública é boa, quem pode pagar uma particular vai preferir que seu filho fique na pública, e assim teremos uma base política para defender a qualidade da escola pública. Seria uma tragédia se nossos espaços públicos fossem shopping centers, algo que acontece em vários países, não só no Brasil. Nossa identidade ali é de consumidor, não de cidadão.*

Entrevista. Folha de S. Paulo, 28/04/2014. Adaptado.

*[No Brasil, com o aumento da presença de classes populares em centros de compras, aeroportos, lugares turísticos etc., é crescente a tendência dos mais ricos a segregar-se em espaços exclusivos, que marquem sua distinção e superioridade.] (...) Pode ser que o fenômeno “camarotização”, isto é, a separação física entre classes sociais, prospere para muitos outros setores. De repente, os supermercados poderão ter ala VIP, com entrada independente, cuja acessibilidade, tacitamente, seja decidida pelo limite do cartão de crédito.*

Renato de P. Pereira. www.gazetadigital.com.br, 06/05/2014. [Resumido] e adaptado.

*Até os anos de 1960, a escola pública que eu conheci, embora existisse em menor número, tinha boa qualidade e era um espaço animado de convívio de classes sociais diferentes. Aprendíamos muito, uns com os outros, sobre nossas diferentes experiências de vida, mas, em geral, nos sentíamos pertencentes a uma só sociedade, a um mesmo país e a uma mesma cultura, que era de todos. Por isso, acreditávamos que teríamos, também, um futuro em comum. Vejo com tristeza que hoje se estabeleceu o contrário: as escolas passaram a segregar os diferentes estratos sociais. Acho que a perda cultural foi imensa e as consequências, para a vida social, desastrosas.*

Trecho do testemunho de um professor universitário sobre a Escola Fundamental e Média em que estudou.

Os três primeiros textos aqui reproduzidos referem-se à “camarotização” da sociedade – nome dado à tendência a manter segregados os diferentes estratos sociais. Em contraponto, encontra-se também reproduzido um testemunho, no qual se recupera a experiência de um período em que, no Brasil, a tendência era outra.

Tendo em conta as sugestões desses textos, além de outras informações que julgue relevantes, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha seu ponto de vista sobre o tema **“Camarotização” da sociedade brasileira: a segregação das classes sociais e a democracia.**

**Instruções:**

- A redação deve ser uma dissertação, escrita de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível. Não ultrapasse o espaço de 30 linhas da folha de redação.
- Dê um título a sua redação.

No ano de 2015, o tema proposto foi “Camarotização” da sociedade brasileira: a segregação das classes sociais e a democracia”. A partir de um neologismo, “camarotização”, que foi definido no primeiro texto da coletânea, o/a candidato/a deveria articular uma dissertação nos moldes clássicos de texto dissertativo.

Nota-se que essa proposta exige uma leitura atenta dos textos da coletânea: por se tratar de um termo novo, recém conceituado, é pouco provável que a/o candidata/o já estivesse familiarizado com o *termo* “camarotização”. A não-compreensão dos textos, em especial o primeiro, que é definição do conceito, acarretaria necessariamente numa redação que não se adequasse ao que foi pedido e mesmo *fuga do tema*. É interessante pensar, porém, que embora a palavra seja nova, seu conteúdo é bastante cotidiano e se relaciona diretamente com a vivência dos/as vestibulandos/as.

“Camarotização”, como definido por Michael Sandel, é o processo por meio do qual a separação entre as classes fica mais explícita, mesmo em ambientes em que havia anteriormente um convívio entre os ricos e os pobres. Dessa forma, um estádio de futebol, que durante muito tempo acomodava igualmente pessoas de qualquer classe, passa a ser dividido por camarotes de acordo com a renda – por meio dessa comparação, Sandel fala da divisão de classes na sociedade contemporânea.

Esse conceito é reiterado nos outros textos da coletânea:

- há um desdobramento da “camarotização” feito pelo próprio Sandels, que aborda a ideia (segundo ele, errada) do espaço privado como aquele frequentado por uma elite, que pode pagar e, portanto, tem condições melhores – em oposição ao público, que serviria como opção para aqueles que não podem pagar;
- uma fala a respeito da “camarotização” no Brasil;
- um relato sobre a escola pública num passado recente, num período de pré-“camarotização”, em que havia convivência cotidiana entre pessoas de diferentes classes.

O/a candidato/a deveria, portanto, compreender o conceito dado e articulá-lo com seus conhecimentos prévios, adotando uma postura crítica quanto ao tema.

(FUVEST 2016)



Área Reservada  
Não escreva no topo da folha

REDAÇÃO

**UTOPIA** (de *ou-topia*, lugar *inexistente* ou, segundo outra leitura, de *eu-topia*, lugar *feliz*). Thomas More deu esse nome a uma espécie de romance filosófico (1516), no qual relatava as condições de vida em uma ilha imaginária denominada Utopia: nela, teriam sido abolidas a propriedade privada e a intolerância religiosa, entre outros fatores capazes de gerar desarmonia social. Depois disso, esse termo passou a designar não só qualquer texto semelhante, tanto anterior como posterior (como a *República* de Platão ou a *Cidade do Sol* de Campanella), mas também qualquer ideal político, social ou religioso que projete uma nova sociedade, feliz e harmônica, diversa da existente. Em sentido negativo, o termo passou também a ser usado para designar projeto de natureza irrealizável, quimera, fantasia.

Nicola Abbagnano, **Dicionário de Filosofia**. Adaptado.

*A utopia nos distancia da realidade presente, ela nos torna capazes de não mais perceber essa realidade como natural, obrigatória e inescapável. Porém, mais importante ainda, a utopia nos propõe novas realidades possíveis. Ela é a expressão de todas as potencialidades de um grupo que se encontram recalcadas pela ordem vigente.*

Paul Ricoeur. Adaptado.

*A desaparecimento da utopia ocasiona um estado de coisas estático, em que o próprio homem se transforma em coisa. Iríamos, então, nos defrontar com o maior paradoxo imaginável: o do homem que, tendo alcançado o mais alto grau de domínio racional da existência, se vê deixado sem nenhum ideal, tornando-se um mero produto de impulsos. O homem iria perder, com o abandono das utopias, a vontade de construir a história e, também, a capacidade de compreendê-la.*

Karl Mannheim. Adaptado.

*Acredito que se pode viver sem utopias. Acho até que é melhor, porque as utopias são ao mesmo tempo ineficazes e perigosas. Ineficazes quando permanecem como sonhos; perigosas quando se quer realizá-las.*

André Comte-Sponville. Adaptado.

*A utopia não é apenas um gentil projeto difícil de se realizar, como quer uma definição simplista. Mas se nós tomarmos a palavra a sério, na sua verdadeira definição, que é aquela dos grandes textos fundadores, em particular a **Utopia** de Thomas More, o denominador comum das utopias é seu desejo de construir aqui e agora uma sociedade perfeita, uma cidade ideal, criada sob medida para o novo homem e a seu serviço. Um paraíso terrestre que se traduzirá por uma reconciliação geral: reconciliação dos homens com a natureza e dos homens entre si. Portanto, a utopia é a desaparecimento das diferenças, do conflito e do acaso: é, assim, um mundo todo fluido – o que supõe um controle total das coisas, dos seres, da natureza e da história.*

*Desse modo, a utopia, quando se quer realizá-la, torna-se necessariamente totalitária, mortal e até genocida. No fundo, só a utopia pode suscitar esses horrores, porque apenas um empreendimento que tem por objetivo a perfeição absoluta, o acesso do homem a um estado superior quase divino, poderia se permitir o emprego de meios tão terríveis para alcançar seus fins. Para a utopia, trata-se de produzir a unidade pela violência, em nome de um ideal tão superior que justifica os piores abusos e o esquecimento da moral reconhecida.*

Frédéric Rouvillois. Adaptado.

CIDADE PREVISTA  
(...)

*Irmãos, cantai esse mundo  
que não verei, mas virá  
um dia, dentro em mil anos,  
talvez mais... não tenho pressa.  
Um mundo enfim ordenado,  
uma pátria sem fronteiras,  
sem leis e regulamentos,  
uma terra sem bandeiras,  
sem igrejas nem quartéis,  
sem dor, sem febre, sem ouro,  
um jeito só de viver,  
mas nesse jeito a variedade,  
a multiplicidade toda  
que há dentro de cada um.  
Uma cidade sem portas,  
de casas sem armadilha,  
um país de riso e glória  
como nunca houve nenhum.  
Este país não é meu  
nem vosso ainda, poetas.  
Mas ele será um dia  
o país de todo homem.*

Carlos Drummond de Andrade

O conjunto de excertos acima contém um verbete, que traz uma definição de **utopia**, seguido de outros cinco textos que apresentam diferentes reflexões sobre o mesmo assunto. Considerando as ideias neles contidas, além de outras informações que você julgue pertinentes, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha o seu ponto de vista sobre o tema – **As utopias: indispensáveis, inúteis ou nocivas?**

**Instruções:**

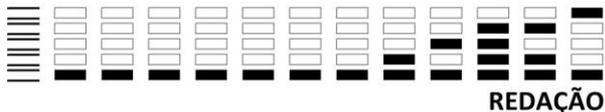
- A redação deve ser uma dissertação, escrita de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível. Não ultrapasse o espaço de 30 linhas da folha de redação.
- Dê um título a sua redação.

A proposta de redação acima pede que a/o candidata/o tenha uma tomada de posição, a favor ou contra as *utopias*. A leitura dos textos da coletânea é necessária para uma reflexão não simplista acerca do tema, já que há uma variedade de tipos textuais e orientações argumentativas neles:

- *verbetes*: o primeiro texto apresenta uma definição mais parcial quanto ao conceito de utopia, delimitando o assunto principal da redação a ser produzida
- uma reflexão defendendo a utopia como uma forma de pensar novas realidades possíveis
- uma divagação quanto à não existência de utopias e suas consequências – no caso, “um estado de coisas estático”, ou seja, uma posição favorável
- uma posição contrária ao ideal utópico, considerado perigoso e ineficaz
- uma paisagem utópica pintada por um poeta
- uma outra posição contrária às utopias, preocupada com os meios necessários para se chegar a elas.

A partir das visões apresentadas, a/o candidata/o deveria, a partir de sua própria visão de mundo, articular uma dissertação com uma tomada de posição clara: as utopias são benéficas (necessárias, importantes, essenciais) ou maléficas (inalcançáveis, perigosas, totalitárias)?

(FUVEST 2017)



Área Reservada  
Não escreva no topo da folha

Examine o texto\* abaixo, para fazer sua redação.

*Resposta à pergunta: O que é Esclarecimento?*

*Esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de servir-se de seu próprio entendimento sem direção alheia. O homem é o próprio culpado dessa menoridade quando ela não é causada por falta de entendimento mas, sim, por falta de determinação e de coragem para servir-se de seu próprio entendimento sem a tutela de um outro. Sapere aude!\*\* Ousa fazer uso de teu próprio entendimento! Eis o lema do Esclarecimento.*

*A preguiça e a covardia são as causas de que a imensa maioria dos homens, mesmo depois de a natureza já os ter libertado da tutela alheia, permaneça de bom grado a vida inteira na menoridade. É por essas mesmas causas que, com tanta facilidade, outros homens se colocam como seus tutores. É tão cômodo ser menor. Se tenho um livro que faz as vezes de meu entendimento, se tenho um diretor espiritual que assume o lugar de minha consciência, um médico que por mim escolhe minha dieta, então não preciso me esforçar. Não tenho necessidade de pensar, se é suficiente pagar. Outros se encarregarão, em meu lugar, dessas ocupações aborrecidas.*

*A imensa maioria da humanidade considera a passagem para a maioridade, além de difícil, perigosa, porque aqueles tutores de bom grado tomaram-na sob sua supervisão. Depois de terem, primeiramente, emburrecido seus animais domésticos e impedido cuidadosamente essas dóceis criaturas de darem um passo sequer fora do andador de crianças em que os colocaram, seus tutores mostram-lhes, em seguida, o perigo que é tentarem andar sozinhos. Ora, esse perigo não é assim tão grande, pois aprenderiam muito bem a andar, finalmente, depois de algumas quedas. Basta uma lição desse tipo para intimidar o indivíduo e deixá-lo temeroso de fazer novas tentativas.*

Immanuel Kant

\* Para o excerto aqui apresentado, foram utilizadas as traduções de Floriano de Sousa Fernandes, Luiz Paulo Rouanet e Vinicius de Figueiredo.

\*\* *Sapere aude*: cit. lat. de Horácio, que significa "Ousa saber".

Estes são os parágrafos iniciais de um célebre texto de Kant, nos quais o pensador define o Esclarecimento como a saída do homem de sua menoridade, o que este alcançaria ao tornar-se capaz de pensar de modo livre e autônomo, sem a tutela de um outro. Publicado em um periódico, no ano de 1784, o texto dirigia-se aos leitores em geral, não apenas a especialistas.

Em perspectiva histórica, o Esclarecimento, também chamado de Iluminismo ou de Ilustração, consiste em um amplo movimento de ideias, de alcance internacional, que, firmando-se a partir do século XVIII, procurou estender o uso da razão, como guia e como crítica, a todos os campos da atividade humana. Passados mais de dois séculos desde o início desse movimento, são muitas as interrogações quanto ao sentido e à atualidade do Esclarecimento.

Com base nas ideias presentes no texto de Kant, acima apresentado, e valendo-se tanto de outras informações que você julgue pertinentes quanto dos dados de sua própria observação da realidade, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha o seu ponto de vista sobre o tema:

**O homem saiu de sua menoridade?**

**Instruções:**

- A dissertação deve ser redigida de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível. Não ultrapasse o espaço de 30 linhas da folha de redação.
- Dê um título a sua redação.

A partir do conceito kantiano de esclarecimento (isto é, esclarecer-se é sair de sua própria menoridade e tomar consciência e responsabilidade de si), a proposta de redação pede que a/o candidata/o elabore a dissertação refletindo se este esclarecimento foi de fato alcançado.

A compreensão do *esclarecimento* num sentido filosófico, especificamente em Kant, é fundamental para a produção de uma boa redação – entender “esclarecimento” a partir do senso comum ou em outras acepções levaria à produção de um texto raso ou mesmo em fuga do tema. Também é importante, como citado nas instruções da prova, relacionar o termo a um momento histórico do Iluminismo, escola de pensamento de valorização da razão e busca de conhecimentos, além de ideais de liberdade.

O tema em si, em forma de pergunta, *O homem saiu de sua menoridade?*, pede em sua resposta uma tomada de posição clara. Algumas das defesas possíveis são:

- **o homem saiu de sua menoridade:** pode-se argumentar que o homem alcançou um nível de conhecimento e autonomia devido ao momento histórico em que se encontra; o individualismo dessa era pode ser visto como a independência da qual fala Kant; etc
- **o homem não saiu de menoridade:** pode-se seguir a linha argumentativa de que boa parte da população não pensa por si; é possível relacionar o trecho “*Se tenho um livro que faz as vezes de meu entendimento, se tenho um diretor espiritual que assume o lugar de minha consciência, um médico que por mim escolhe minha dieta, então não preciso me esforçar. Não tenho necessidade de pensar, se é suficiente pagar.*” com a indústria cultural ou o papel alienador de algumas religiões, por exemplo, para afirmar como o homem permanece em estado de menoridade.
- **o homem está em vias de sair de sua menoridade:** um terceiro caminho é mostrar que, embora o homem não tenha alcançado completamente sua maioridade (pensando em como ainda há uma tendência e não pensar por si próprio), está em vias de alcançá-la, ainda no processo de libertar-se dos agentes (mestres espirituais, médicos, livros, como citados no texto) que lhe mantêm preso na menoridade.

As posições acima são meramente **sugestivas**, já que outros caminhos argumentativos são possíveis.

**(UNICAMP 2015)  
Texto 1****REDAÇÃO****TEXTO 1**

Você integra um **grupo de estudos** formado por estudantes universitários. Periodicamente, cada membro apresenta resultados de leituras realizadas sobre temas diversos. Você ficou responsável por elaborar uma **síntese** sobre o tema **humanização no atendimento à saúde**, que deverá ser escrita em **registro formal**. As fontes para escrever a síntese são um trecho de um artigo científico (excerto A) e um trecho de um ensaio (excerto B). Seu texto deverá contemplar:

- o conceito de humanização no atendimento à saúde;
- o ponto de vista de cada texto sobre o conceito, assim como as principais informações que sustentam esses pontos de vista;
- as relações possíveis entre os dois pontos de vista.

**Excerto A**

A humanização é vista como a capacidade de oferecer atendimento de qualidade, articulando os avanços tecnológicos com o bom relacionamento.

O Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar (PNHAH) destaca a importância da conjugação do binômio "tecnologia" e "fator humano e de relacionamento". Há um diagnóstico sobre o divórcio entre dispor de alta tecnologia e nem sempre dispor da delicadeza do cuidado, o que desumaniza a assistência. Por outro lado, reconhece-se que não ter recursos tecnológicos, quando estes são necessários, pode ser um fator de estresse e conflito entre profissionais e usuários, igualmente desumanizando o cuidado. Assim, embora se afirme que ambos os itens constituem a qualidade do sistema, o "fator humano" é considerado o mais estratégico pelo documento do PNHAH, que afirma:

*(...) as tecnologias e os dispositivos organizacionais, sobretudo numa área como a da saúde, não funcionam sozinhos – sua eficácia é fortemente influenciada pela qualidade do fator humano e do relacionamento que se estabelece entre profissionais e usuários no processo de atendimento. (Ministério da Saúde, 2000).*

(Adaptado de Suely F. Deslandes, Análise do discurso oficial sobre a humanização da assistência hospitalar. *Ciência & saúde coletiva*. Vol. 9, n. 1, p. 9-10. Rio de Janeiro, 2004.)

**Excerto B**

A famosa Faculdade para Médicos e Cirurgiões da Escola de Medicina da Columbia University, em Nova York, formou recentemente um Programa de Medicina Narrativa que se ocupa daquilo que veio a se chamar "ética narrativa". Ele foi organizado em resposta à percepção recrudescente do sofrimento – e até das mortes – que podia ser atribuído parcial ou totalmente à atitude dos médicos de ignorarem o que os pacientes contavam sobre suas doenças, sobre aquilo com que tinham que lidar, sobre a sensação de serem negligenciados e até mesmo abandonados. Não é que os médicos não acompanhassem seus casos, pois eles seguiam meticulosamente os prontuários de seus pacientes: ritmo cardíaco, hemogramas, temperatura e resultados dos exames especializados. Mas, para parafrasear uma das médicas comprometidas com o programa, eles simplesmente não ouviam o que os pacientes lhes contavam: as histórias dos pacientes. Na sua visão, eles eram médicos "que se atinham aos fatos". "Uma vida", para citar a mesma médica, "não é um registro em um prontuário". Se um paciente está na expectativa de um grande e rápido efeito por parte de uma intervenção ou medicação e nada disso acontece, a queda ladeira abaixo tem tanto o seu lado biológico como psíquico. "O que é, então, a medicina narrativa?", perguntei\*. "Sua responsabilidade é ouvir o que o paciente tem a dizer, e só depois decidir o que fazer a respeito. Afinal de contas, quem é o dono da vida, você ou ele?". O programa de medicina narrativa já começou a reduzir o número de mortes causadas por incompetências narrativas na Faculdade para Médicos e Cirurgiões.

\*A pergunta é feita por Jerome Bruner a Rita Charon, idealizadora do Programa de Medicina Narrativa.

(Adaptado de Jerome Bruner, *Fabricando histórias: direito, literatura, vida*. São Paulo: Letra e Voz, 2014, p. 115-116.)

Era esperado do/a candidato/a\*:

- um texto síntese em registro formal na qual fosse exposto o tema
- a compreensão do tema “humanização da saúde”
- que, do texto A, se retirasse informações sobre a humanização da saúde, a recomendação do ministério da saúde quanto a um atendimento mais humanizado e a junção de recursos tecnológicos com recursos humanos.
- que, do texto B, fossem sintetizadas as informações quanto “a existência de um Programa de Medicina Narrativa da Faculdade para Médicos e Cirurgiões da Escola de Medicina da Columbia University, em Nova York, que tem reduzido o número de mortes devidas a “incompetências narrativas a exposição de um problema na área médica: o sofrimento (e, eventualmente, o óbito) causado pelo fato de médicos não ouvirem o que os pacientes têm a relatar sobre seu estado de saúde e como se sentem a respeito disso.”\*
- “Ressaltar fator humano como algo estratégico para uma boa saúde”\*

Exemplo de redação acima da média\*

### *Humanização no atendimento à saúde*

*O ato de somar os avanços tecnológicos ao bom relacionamento, a fim de proporcionar um atendimento de qualidade, é o que entende-se por humanização.*

*No trecho do artigo científico “Análise do discurso oficial sobre a humanização da assistência hospitalar” de Suely Deslandes, a humanização no atendimento à saúde é importante pois, se houver tecnologia sem bom relacionamento, segundo o artigo, “desumaniza a assistência”, e, se houver atendimento sem tecnologia, quando esta necessária, acaba “desumanizando o cuidado”. Entretanto, apesar de tecnologia e relacionamento serem importantes, o “fator humano” tem maior relevância, de acordo com o Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar (PNHAH).*

*O trecho do ensaio de Jerome Bruner, “Fabricando histórias: direito, literatura, vida”, trata da importância do médico escutar o que o paciente tem a dizer, antes de tratá-lo. Para isso, toma como base um Programa de Medicina Narrativa desenvolvido na Faculdade para Médicos e Cirurgiões da Escola de Medicina da Columbia University, cujo objetivo é atentar-se para o que o paciente tem a dizer, antes de intervir em seu caso clínico. Segundo os organizadores do programa, o número de mortes por incompetências narrativas já começou a diminuir na Faculdade da Columbia University.*

*Ambos os trechos, artigo científico e ensaio, ressaltam a importância do bom relacionamento entre profissionais e usuários e a necessidade de se atentar ao papel do profissional, seja para controlar os equipamentos tecnológicos, seja para bem atender pessoalmente.*

## Texto 2

UNICAMP  
vestibular  
2015

## REDAÇÃO

## TEXTO 2

Em busca de soluções para os inúmeros incidentes de violência ocorridos na escola em que estudam, um grupo de alunos, inspirados pela matéria "Conversar para resolver conflitos", resolveu fazer uma primeira reunião para discutir o assunto. Você ficou responsável pela elaboração da **carta-convite** dessa reunião, a ser endereçada pelo **grupo à comunidade escolar** – alunos, professores, pais, gestores e funcionários.

A carta deverá **convencer** os membros da comunidade escolar a **participarem da reunião, justificando** a importância desse espaço para a discussão de ações concretas de enfrentamento do problema da violência na escola. Utilize as **informações** da matéria abaixo para **construir seus argumentos** e mostrar **possibilidades de solução**.

Lembre-se de que o **grupo** deverá assinar a carta e também informar o **dia**, o **horário** e o **local** da reunião.

**Conversar para resolver conflitos.****Quando a escuta e o diálogo são as regras, surgem soluções pacíficas para as brigas.**

Alunos que brigam com colegas, professores que desrespeitam funcionários, pais que ofendem os diretores. Casos de violência na escola não faltam. A pesquisa *O Que Pensam os Jovens de Baixa Renda sobre a Escola*, realizada pelo Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap) sob encomenda da Fundação Victor Civita (FVC), ambos de São Paulo, revelou que 11% dos estudantes se envolveram em conflitos com seus pares nos últimos seis meses e pouco mais de 8% com professores, coordenadores e diretores. Poucas escolas refletem sobre essas situações e elaboram estratégias para construir uma cultura da paz. A maioria aplica punições que, em vez de acabarem com o enfrentamento, estimulam esse tipo de atitude e tiram dos jovens a autonomia para resolver problemas.

Segundo Telma Vinha, professora de Psicologia Educacional da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e colunista da revista NOVA ESCOLA, implementar um projeto institucional de mediação de conflitos é fundamental para implantar espaços de diálogo sobre a qualidade das relações e os problemas de convivência e propor maneiras não violentas de resolvê-los. Assim, os próprios envolvidos em uma briga podem chegar a uma solução pacífica.

Por essa razão, é importante que, ao longo do processo de implantação, alunos, professores, gestores e funcionários sejam capacitados para atuar como mediadores. Esses, por sua vez, precisam ter algumas habilidades como saber se colocar no lugar do outro, manter a imparcialidade, ter cuidado com as palavras e se dispor a escutar.

O projeto inclui a realização de um levantamento sobre a natureza dos conflitos e um trabalho preventivo para evitar a agressão como resposta para essas situações. Além disso, ao sensibilizar os professores e funcionários, é possível identificar as violências sofridas pelos diferentes segmentos e atuar para acabar com elas.

**Pessoas capacitadas atuam em encontros individuais e coletivos**

Há duas formas principais de a mediação acontecer, segundo explica Livia Maria Silva Licciardi, doutoranda em Psicologia Educacional, Desenvolvimento Humano e Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). A

primeira é quando há duas partes envolvidas. Nesse caso, ambos os lados se apresentam ou são chamados para conversar com os mediadores - normalmente eles atuam em dupla para que a imparcialidade no encaminhamento do caso seja garantida - em uma sala reservada para esse fim. Eles ouvem as diversas versões, dirigem a conversa para tentar fazer com que todos entendam os sentimentos colocados em jogo e ajudam na resolução do episódio, deixando que os envolvidos proponham caminhos para a decisão final.

A segunda forma é utilizada quando acontece um problema coletivo - um aluno é excluído pela turma, por exemplo. Diante disso, o ideal é organizar mediações coletivas, como uma assembleia. Nelas, um gestor ou um professor pauta o encontro e conduz a discussão, sem expor a vítima nem os agressores. "O objetivo é fazer com que todos falem, escutem e proponham saídas para o impasse. Assim, a solução deixa de ser punitiva e passa a ser formativa, levando à corresponsabilização pelos resultados", diz Ana Lucia Catão, mestre em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Ela ressalta que o debate é enriquecido quando se usam outros recursos: filmes, peças de teatro e músicas ajudam na contextualização e compreensão do problema.

No Colégio Estadual Federal (CEF) 602, no Recanto das Emas, subdistrito de Brasília, o Projeto Estudar em Paz, realizado desde 2011 em parceria com o Núcleo de Estudos para a Paz e os Direitos Humanos da Universidade de Brasília (NEP/UnB), tem 16 alunos mediadores formados e outros 30 sendo capacitados. A instituição conta ainda com 28 professores habilitados e desde o começo deste ano o projeto faz parte da formação continuada. "Os casos de violência diminuíram. Recebo menos alunos na minha sala e as depredações do patrimônio praticamente deixaram de existir. Ao virarem protagonistas das decisões, os estudantes passam a se responsabilizar por suas atitudes", conta Silvani dos Santos, diretora. (...)

"Essas propostas trazem um retorno muito grande para as instituições, que conseguem resultados satisfatórios. É preciso, porém, planejá-las criteriosamente", afirma Suzana Menin, professora da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp).

(Adaptado de Karina Padiál, Conversar para resolver. *Gestão Escolar*. São Paulo, n.º. 27, ago/set 2013. <http://gestaoescolar.abril.com.br/formacao/conversar-resolver-conflitos-brigas-dialogo-762845.shtml?page=1>. Acessado em 02/10/2014.)

Espera-se do/a candidato/a\*:

- saber utilizar adequadamente o gênero carta
- argumentação convincente para persuadir pais e alunos a participarem da reunião, com base especialmente nos episódios de violência acontecidos na escola
- é possível apresentar, também, alguma proposta para a solução do problema

### Redação acima da média

*Campinas, 11 de Janeiro de 2015*

*Prezados pais, alunos, professores, gestores e funcionários da escola acreditamos que seja do conhecimento de todos vocês a ocorrência de um grande número de incidentes de violência em nossa escola. Após percebermos um aumento constante no número dessas ocorrências e pouca reflexão e elaboração de estratégias por parte da comunidade escolar para solucionar os problemas, nós, alunos de variadas séries, nos reunimos em um grupo e desejamos convidá-los a se reunir conosco para debatermos o assunto e pensarmos possíveis soluções.*

*A participação de todos vocês nessa reunião é de extrema importância para que consigamos contemplar a opinião dos mais variados grupos, ao mesmo tempo em que será possível dialogar sobre os acontecimentos. Procurando fontes para nos auxiliar na busca por soluções, encontramos a matéria “conversar para resolver conflitos”, no site “Gestão Escolar”, e estamos convencidos de que soluções pacíficas são possíveis de serem conseguidas por meio do diálogo, o que reduz, ou até mesmo extingue a violência que permeia as discussões e agressões.*

*A partir de nossas pesquisas, chegamos a conclusão de que é preciso, sobretudo, realizarmos um trabalho preventivo, com fomento de debates e elaboração de palestras. Acreditamos, ainda, na formação de pais, professores, alunos e funcionários como mediadores, para que sejam capazes de auxiliar nos conflitos e de se colocarem no lugar dos outros, o que educará a todos contra os malefícios da violência. Essas medidas contribuirão para melhoria das relações interpessoais e para o rendimento dos alunos, o que traz inúmeros benefícios para a comunidade escolar. Aguardamos a todos no ginásio esportivo da escola, no dia 16 de Fevereiro, às 20:00 horas, para darmos continuidade à conversa. Obrigado.*

*Grupo de alunos da escola*

(UNICAMP 2016)

**UNICAMP**  
vestibular  
**2016****REDAÇÃO****TEXTO 1**

Você é um estudante universitário que participará de um **concurso de resenhas**, promovido pelo Centro de Apoio ao Estudante (CAE), órgão que desenvolve atividades culturais em sua Faculdade. Esse concurso tem o objetivo de **estimular a leitura** de obras literárias e **ampliar o horizonte cultural** dos estudantes. A **resenha** será lida por uma **comissão julgadora** que deverá selecionar os dez melhores textos, a serem publicados. Você escolheu resenhar a fábula de La Fontaine transcrita abaixo. Em seu texto, você deverá incluir:

- uma síntese da fábula, indicando os seus elementos constitutivos;
- a construção de uma situação social análoga aos fatos narrados, que envolva um problema coletivo;
- um fechamento, estabelecendo relações com a temática do texto original.

Seu texto deverá ser escrito em **linguagem formal**, deverá indicar **o título da obra** e ser assinado com um **pseudônimo**.

**A Deliberação Tomada pelos Ratos**

Rodilardo, gato voraz,  
aprontou entre os ratos tal matança,  
que deu cabo de sua paz,  
de tantos que matava e guardava na pança.  
Os poucos que sobraram não se aventuravam  
a sair dos buracos: mal se alimentavam.  
Para eles, Rodilardo era mais que um gato:  
era o próprio Satã, de fato.  
Um dia em que, pelos telhados,  
foi o galante namorar,  
aproveitando a trégua, os ratos, assustados,  
resolveram confabular  
e discutir um modo de solucionar  
esse grave problema. O decano, prudente,  
definiu a questão: simples falta de aviso,  
já que o gato chegava, solerte. Era urgente  
amarrar-lhe ao pescoço um guizo,  
concluiu o decano, rato de juízo.  
Acharam a ideia excelente,  
e aplaudiram seu autor. Restava, todavia,  
um pequeno detalhe a ser solucionado:  
quem prenderia o guizo – e qual se atreveria?  
Um se esquivou, dizendo estar muito ocupado;  
Outro alegou que andava um tanto destreinado  
em dar laços e nós. E a bela ideia  
teve triste final. Muita assembleia, ao fim nada decide – mesmo sendo de frades  
ou de veneráveis abades...

Deliberar, deliberar ...  
conselheiros, existem vários;  
mas quando é para executar,  
onde estarão os voluntários?

*(Fábulas de La Fontaine. Tradução de Milton Amado e Eugênia Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 2003, p. 134-136.)*

**Glossário**

Abade: superior de ordem religiosa que dirige uma abadia.

Frade: indivíduo pertencente a ordem religiosa cujos membros seguem uma regra de vida e vivem separados do mundo secular.

Decano: o membro mais velho ou mais antigo de uma classe, assembleia, corporação, etc.

Guizo: pequena esfera de metal com bolinhas em seu interior que, quando sacudida, produz um som tilintante.

Solerte: engenhoso, esperto, sagaz, artiloso, arguto, astucioso.

Era esperado do texto\*:

- que estivesse em formato de resenha
- uma breve síntese da fábula em questão
- um analogia entre alguma situação social e a fábula “este problema pode resultar de relações de poder marcadas por uma grande assimetria e, conseqüentemente, por ameaças de um grupo em relação ao outro”\*

**Redação acima da média**

*A fábula “A Deliberação Tomada pelos Ratos”, escrita por La Fontaine, apresenta uma situação- problema desencadeada por um gato de nome Rodilardo que caça inúmeros ratos, matando-os e comendo-os. Os ratos, preocupados com sua situação, decidem se reunir para discutir e encontrar alguma solução. Assim, concluem que se houvesse um sinal para alertá-los da presença do felino, poderiam ter tempo para se esconder e salvar suas vidas, o que foi proposto pelo rato mais velho e experiente. Os demais concordaram, inclusive com a ideia de pendurar-lhe uma esfera de metal barulhenta no pescoço. Porém, nenhum dos ratos se comprometeu a fazê-lo, tornando a ideia infrutífera.*

*La Fontaine, com esta fábula, transmite a moral de que, embora seja importante deliberar os assuntos, é imprescindível executá-los. Situação semelhante ocorre quando uma comunidade enfrenta problemas com a segurança pública. Em um determinado bairro com alto índice de violência, pouco adianta lastimar-se dos crimes ocorridos ou discutir soluções em uma rede social. Caso este alto índice de violência ocorra em razão da ausência de escolas ou atividades culturais, essa comunidade deverá se organizar e levar os fatos às autoridades competentes para que providenciem o necessário e, com a participação de todos, seja resolvido concretamente o problema.*

*O receio de eventuais retaliações pode levar essa comunidade a amedrontar-se, assim como os ratos da fábula. Para colocar o guizo no gato, ou seja, para efetivar uma transformação nesse bairro, é preciso sair da toca, enfrentar a questão e exigir os próprios direitos. No caso, um serviço de segurança e educação prestados adequadamente pelo Estado.*

*E. A.*



## Texto 2

## REDAÇÃO

## TEXTO 2

Você está participando de um curso sobre o livro *O sentimento de si: corpo, emoção e consciência*, de autoria do neurocientista António Damásio. Uma das avaliações do curso consiste na produção de um texto de divulgação científica a ser publicado em um *blog* do curso. O objetivo do seu texto será o de divulgar as ideias do autor para um público mais amplo, especialmente para alunos do ensino médio. Você deverá escrever o seu texto **sobre o tema da indução das emoções, baseado no excerto abaixo**, incluindo:

- uma explicação sobre indutores de emoção com exemplos do próprio texto;
- uma breve narrativa que exemplifique processos de indução de emoções;
- uma finalização baseada no fechamento do texto original.

Lembre-se de que o **texto de divulgação científica** deverá ter um **título** adequado aos conteúdos tratados.

**O induzir das emoções**

As emoções acontecem em dois tipos de circunstâncias. O primeiro tipo de circunstâncias tem lugar quando o organismo processa determinados objetos ou situações através de um dos seus dispositivos sensoriais, por exemplo, quando o organismo avista um rosto ou um local familiar. O segundo tipo de circunstâncias tem lugar quando a mente de um organismo recorda certos objetos e situações e os representa, como imagens, no processo do pensamento, por exemplo, a recordação do rosto de uma amiga ou o fato de esta ter acabado de falecer.

Um fato que se torna óbvio ao considerarmos as emoções é que certas espécies de objetos ou acontecimentos tendem a estar mais sistematicamente ligadas a determinado tipo de emoção que a outros. As classes de estímulos que provocam alegria, medo ou tristeza tendem a fazê-lo de forma consistente no mesmo indivíduo e em indivíduos que compartilham os mesmos antecedentes culturais. Apesar de todas as possíveis variações na expressão de uma emoção, e apesar do fato de podermos ter emoções mistas, existe uma correspondência aproximada entre classes de indutores de emoção e o resultante estado emocional. Ao longo da evolução, os organismos adquiriram os meios para responder a determinados estímulos – sobretudo aos que são potencialmente úteis ou perigosos sob o ponto de vista da sobrevivência – através de um conjunto de respostas a que chamamos emoção.

Também é importante notar que enquanto o mecanismo biológico das emoções é largamente predeterminado, os indutores de emoção são externos e não fazem parte desse mecanismo. Os estímulos que causam a emoção não se

encontram, de modo algum, confinados aos que ajudaram a formar nosso cérebro emocional ao longo da evolução e que podem induzir emoção desde os primeiros dias de vida. À medida que se desenvolvem e interagem, os organismos ganham experiência factual e emocional com diversos objetos e situações do ambiente, tendo assim uma oportunidade de associar muitos objetos e situações que poderiam ter permanecido emocionalmente neutros, com os objetos e as situações que causam emoções naturalmente. A forma de aprendizagem conhecida por condicionamento é uma das maneiras de obter esta associação. Uma casa parecida com a que o leitor viveu uma infância feliz pode fazê-lo sentir-se feliz, embora nada de especialmente bom ainda se tenha passado na casa. Do mesmo modo, o rosto de uma belíssima desconhecida, que se assemelha ao de uma pessoa ligada a um acontecimento terrível, pode causar-lhe desconforto ou irritação. Pode até nunca chegar a perceber por quê.

A consequência de concedermos um valor emocional aos objetos que não estavam biologicamente destinados a receber essa carga emocional é tornar infinita a lista de estímulos que, potencialmente, podem induzir emoções. De uma forma ou de outra, a maior parte dos objetos e das situações conduzem a alguma reação emocional, embora uns em maior escala que outros. A reação emocional pode ser fraca ou forte – e, felizmente para nós, é fraca na maior parte das vezes – mas mesmo assim está sempre presente. A emoção e o mecanismo biológico que lhe é subjacente são os companheiros obrigatórios do comportamento, consciente ou não. Um certo grau de emoção acompanha, forçosamente, o pensamento sobre nós mesmos ou sobre o que nos rodeia.

(Adaptado de António Damásio, *O sentimento de si: corpo, emoção e consciência*. Lisboa: Circulo de Leitores, 2013, p.79-81.)

Esperava-se\* um texto de divulgação científica, isto é, um texto voltado para leigos para a divulgação de uma descoberta ou pesquisa de caráter científico. O texto deveria sintetizar o artigo científico do texto base. A redação deveria cobrir os seguintes aspectos:

- as emoções como respostas dos organismos a determinados estímulos
- explicar e exemplificar os processos de indução de emoção citados pelo texto-base
- explicitar o fato de que, ao longo da vida, os organismos criam associações emocionais com objetos que poderiam ser vistos como emocionalmente neutros – por exemplo, “uma casa parecida com aquela em que alguém viveu na infância feliz pode fazer essa pessoa se sentir feliz”\*
- “Por fim, espera-se que o fechamento do texto contemple a ideia de que a maior parte dos objetos e das situações conduzam a alguma reação emocional, em maior ou menor escala, ou seja, “um certo grau de emoção acompanha, forçosamente, o pensamento sobre nós mesmos ou sobre o que nos rodeia

### Exemplo de redação acima da média

#### *“Indutores de emoção”: os gatilhos das sensações*

*Constantemente em nossas vidas, lugares, pessoas, objetos ou situações são responsáveis por nos causar emoções diversas, às vezes positivas, às vezes não. Segundo Antônio Damásio, as emoções são meios de responder a determinados estímulos, tais estímulos são tratados em seu livro “O sentimento de si: corpo, emoção e consciência” como “indutores de emoção”. Imaginamos a seguinte situação: ao longo de sua infância você viveu em uma casa onde foi muito feliz. Anos mais tarde, você se depara com uma casa extremamente parecida com aquela em que passou a infância. Nesse instante, seu cérebro passa a associar a casa nova com a ideia da felicidade que você presenciou ao longo da infância, mesmo que nada de bom já tenha acontecido na nova residência. No nosso exemplo, a casa seria o indutor de emoção, pois sua lembrança gera em você sensações de felicidade.*

*Suponhamos agora que você foi atropelado por uma moça ruiva ao sair da escola. Tempos depois, em uma festa com os amigos, você vê uma jovem muito parecida com a motorista que o atropelou. Assim, mesmo sem conhecer a jovem da festa, você começa a se sentir desconfortável ou irritado só de vê-la. Nesse caso, o indutor de emoção é a aparência da mulher ruiva, que lhe remete a uma situação terrível, causando-lhe irritação.*

*Naturalmente, existe uma gama de indutores, mas o hábito de conceder um valor afetivo a seres inanimados, como objetos, aumenta infinitamente o número de estimulantes. Felizmente, a resposta a tais estímulos e, quase sempre, fraca, embora as emoções estejam sempre presentes. Portanto, como há, toda vez, uma ligação entre o indutor e a emoção subsequente, um certo grau de sensação está intimamente associado ao que pensamos sobre nós ou sobre o mundo ao nosso redor.*

(UNESP 2016)



03004018

REDAÇÃO



Menina vietnamita atingida por napalm foge de aldeia bombardeada.  
(Nick Ut. Vietnã, 1972.)



Menina sudanesa em região assolada pela fome é observada por abutre.  
(Kevin Carter. Sudão, 1993.)



Menino sírio é encontrado morto em praia após naufrágio de barco com refugiados.  
(Nilufer Demir. Turquia, 2015.)

## TEXTO 1

Um dos traços característicos da vida moderna é oferecer inúmeras oportunidades de vermos (à distância, por meio de fotos e vídeos) horrores que acontecem no mundo inteiro. Mas o que a representação da crueldade provoca em nós? Nossa percepção do sofrimento humano terá sido desgastada pelo bombardeio diário dessas imagens?

Qual o sentido de se exibir essas fotos? Para despertar indignação? Para nos sentirmos “mal”, ou seja, para consternar e entristecer? Será mesmo necessário olhar para essas fotos? Tornamo-nos melhores por ver essas imagens? Será que elas, de fato, nos ensinam alguma coisa?

Muitos críticos argumentam que, em um mundo saturado de imagens, aquelas que deveriam ser importantes para nós têm seu efeito reduzido: tornamo-nos insensíveis. Inundados por imagens que, no passado, nos chocavam e causavam indignação, estamos perdendo a capacidade de nos sensibilizar. No fim, tais imagens apenas nos tornam um pouco menos capazes de sentir, de ter nossa consciência instigada.

(Susan Sontag. *Diante da dor dos outros*, 2003. Adaptado.)

## TEXTO 2

Quantas imagens de crianças mortas você precisa ver antes de entender que matar crianças é errado? Eu pergunto isso porque as mídias sociais estão inundadas com o sangue de inocentes. Em algum momento, as mídias terão de pensar cuidadosamente sobre a decisão de se publicar imagens como essas. No momento, há, no Twitter particularmente, incontáveis fotos de crianças mortas. Tais fotos são tuitadas e retuitadas para expressar o horror do que está acontecendo em várias partes do mundo. Isto é obsceno. Nenhuma dessas imagens me persuadiu a pensar diferentemente do modo como eu já pensava. Eu não preciso ver mais imagens de crianças mortas para querer um acordo político. Eu não preciso que você as tuite para me mostrar que você se importa. Um pequeno cadáver não é um símbolo de consumo público.

(Suzanne Moore. “Compartilhar imagens de cadáveres nas mídias sociais não é o modo de se chegar a um cessar-fogo”. [www.theguardian.com](http://www.theguardian.com), 21.07.2014. Adaptado.)

## TEXTO 3

A morbidez deve ser evitada a todo custo, mas imagens fotográficas chocantes que podem servir a propósitos humanitários e ajudar a manter vivos na memória coletiva horrores inomináveis (dificultando, com isso, a ocorrência de horrores similares) devem ser publicadas.

(Carlos Eduardo Lins da Silva. “Muito além de Aylan Kurdi”. <http://observatoriodaimprensa.com.br>, 08.09.2015. Adaptado.)

### TEXTO 4

Diretor da ONG Human Rights Watch, Peter Bouckaert publicou em seu Twitter a foto do menino sírio de 3 anos que se afogou. Ele explicou sua decisão: “Alguns dizem que a imagem é muito ofensiva para ser divulgada. Mas ofensivo é aparecerem crianças afogadas em nossas praias quando muito mais pode ser feito para evitar suas mortes.”

(“Diretor de ONG explica publicação de foto de criança”. *Folha de S.Paulo*, 03.09.2015. Adaptado.)

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma dissertação, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

### PUBLICAÇÃO DE IMAGENS TRÁGICAS: BANALIZAÇÃO DO SOFRIMENTO OU FORMA DE SENSIBILIZAÇÃO?

A proposta de redação se faz a partir de um tema muito **atual** e **concreto**, além de cotidiano. O compartilhamento das imagens chamadas trágicas, cujo conteúdo é essencialmente chocante, traz à tona a discussão da **relevância** da divulgação de tais fotos.

O/a candidato/a deveria refletir, a partir dos textos e de sua própria vivência (pois é certo que, senão todas, a maioria das pessoas já compartilhou ou teve compartilhada uma imagem desse tipo) quanto a essa questão: não apenas o fato de que tais fotos existem e são compartilhadas diariamente, especialmente na rede, mas o que isso significa dentro do contexto de sociedade atual. Os caminhos propostos pelo enunciado são que as imagens trágicas e sua viralização:

- **banalizam** o sofrimento; pode-se argumentar que, por se tornarem constantes no cotidiano da população, o choque inicial se perde: ao ver uma imagem do tipo o sujeito, já tão acostumado a ver tantas outras, não se sensibiliza o bastante e vê aquele tipo de sofrimento como mais uma manifestação do cotidiano.
- **sensibilizam** o indivíduo que, ao se deparar com uma imagem de caráter trágico, toma consciência de um problema – o que pode levá-lo a engajar-se para buscar soluções.

Há, ainda, outros caminhos argumentativos que poderiam ser seguidos. Destaca-se aqui uma linha argumentativa que considera que, enquanto esse tipo de imagem banaliza sofrimento para certos tipos de pessoa, sensibiliza outras – e cabe aí fazer um balanço, pensando em qual aspecto se sobressai.

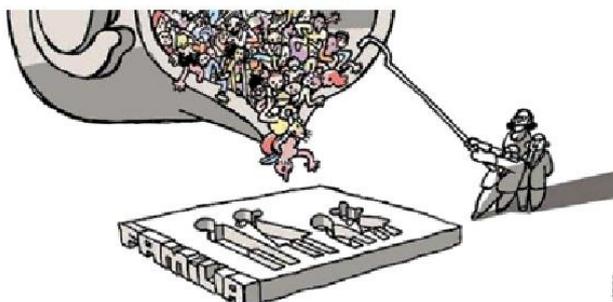
(UNESP 2016 – meio de ano)



VNSP1609

**REDAÇÃO**

03004016

**TEXTO 1**(Laerte. [www.facebook.com/paginadolaerte/photos\\_stream](http://www.facebook.com/paginadolaerte/photos_stream), 27.10.2015.)**TEXTO 2**

O que é o Estatuto da Família?

É um projeto de lei que tramita na Câmara dos Deputados. O texto desse projeto tenta definir o que pode ser considerado uma família no Brasil. Ou seja, o projeto propõe regras jurídicas para definir quais grupos podem ser considerados uma família perante a lei.

(“O que é o Estatuto da Família?”. [www.cartacapital.com.br](http://www.cartacapital.com.br), 25.10.2015. Adaptado.)**TEXTO 3**

Projeto de Lei nº 6583, de 2013 (Estatuto da Família)

Para os fins desta Lei, define-se família como o núcleo social formado a partir da união entre **um homem e uma mulher**, por meio de casamento ou união estável, ou ainda por comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.

(Anderson Ferreira [deputado federal pelo PR]. “Projeto de Lei nº 6583/2013”. [www.camara.gov.br](http://www.camara.gov.br), 16.10.2015. Adaptado.)**TEXTO 4**

O Estatuto da Família veio num momento bastante oportuno. Nunca a principal instituição da sociedade e o matrimônio foram tão atacados como nos dias atuais. Basta ver crianças e adolescentes sendo aliciados para o mundo do crime e das drogas, a violência doméstica, a gravidez na adolescência, os programas televisivos cada vez mais imorais e violentos, sem falar na visível deturpação do conceito de matrimônio e na banalização dos valores familiares conquistados há décadas. Tudo isso repercute negativamente na dinâmica psicossocial do indivíduo.

O Estatuto da Família não deveria causar tanto alvoroço no que se refere ao conceito de família. A definição não é minha e de nenhum parlamentar. É a Carta Constitucional que, assim, restringe sua composição. Não tem nada a ver com preconceito ou discriminação.

(Sóstenes Cavalcante [deputado federal pelo PSD]. “Estatuto da Família é base para sociedade mais justa, fraterna e desenvolvida”. <http://congressoemfoco.uol.com.br>, 08.10.2015. Adaptado.)

**TEXTO 5**

A ONU no Brasil disse estar acompanhando “com preocupação” a tramitação, no Congresso Nacional, da Proposição Legislativa que institui o Estatuto da Família, especialmente quanto ao conceito de família e “seus impactos para o exercício dos direitos humanos”.

Citando tratados internacionais, a ONU afirmou ser importante assegurar que outros arranjos familiares, além do formado por casal heteroafetivo, também sejam igualmente protegidos como parte dos esforços para eliminar a discriminação: “Negar a existência destas composições familiares diversas, para além de violar os tratados internacionais, representa uma involução legislativa”.

(“Brasil: ONU está preocupada com projeto de lei que define conceito de família”. <http://nacoesunidas.org>, 27.10.2015.)

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma dissertação, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

**O CONCEITO DE FAMÍLIA PROPOSTO PELO ESTATUTO DA FAMÍLIA:  
DISCRIMINAÇÃO CONTRA OUTROS ARRANJOS FAMILIARES?**

A proposta se coloca como uma discussão quanto ao conceito de família – isto é, que tipo de núcleo de pessoas pode ser considerado uma família. Os textos da coletânea apresentam o tema da seguinte maneira:

- uma charge, na qual uma família “tradicional” (casal hétero e uma criança) tentam fazer caber numa forma, também “tradicional”, uma grande quantidade de pessoas diversas, que não se enquadram.
- Um trecho que busca explicar a discussão quanto ao estatuto da família
- um projeto de lei que define família como união entre homem e mulher
- um trecho em que um deputado defende o estatuto da família “tradicional”
- um outro trecho em que se afirma a preocupação da ONU quanto à direção que as discussões sobre o conceito de família estão tomando

A partir dessa coletânea, que traz opiniões contrárias sobre um mesmo tema, o/a candidato/a deveria, partindo também de sua própria visão de mundo, defender seu ponto de vista respondendo à pergunta que compõe o tema. Argumentações possíveis são:

- **o conceito de família proposto pelo Estatuto da Família é discriminatório**, pois não leva em conta que existem famílias desmembradas, famílias formadas a partir de casamentos homoafetivos ou em que nenhum dos pais estejam presentes.
- **O conceito de família proposto pelo Estatuto da Família não é discriminatório** pois “família” é um termo tradicionalmente usado para referir-se ao núcleo que se forma a partir da união entre um homem e uma mulher.

(UNESP 2017)

**REDAÇÃO****TEXTO 1**

A distribuição da riqueza é uma das questões mais vivas e polêmicas da atualidade. Será que a dinâmica da acumulação do capital privado conduz de modo inevitável a uma concentração cada vez maior da riqueza e do poder em poucas mãos, como acreditava Karl Marx no século XIX? Ou será que as forças equilibradoras do crescimento, da concorrência e do progresso tecnológico levam espontaneamente a uma redução da desigualdade e a uma organização harmoniosa da sociedade, como pensava Simon Kuznets no século XX?

(Thomas Piketty. *O capital no século XXI*, 2014. Adaptado.)

**TEXTO 2**

Já se tornou argumento comum a ideia de que a melhor maneira de ajudar os pobres a sair da miséria é permitir que os ricos fiquem cada vez mais ricos. No entanto, à medida que novos dados sobre distribuição de renda são divulgados\*, constata-se um desequilíbrio assustador: a distância entre aqueles que estão no topo da hierarquia social e aqueles que estão na base cresce cada vez mais.

A obstinada persistência da pobreza no planeta que vive os espasmos de um fundamentalismo do crescimento econômico é bastante para levar as pessoas atentas a fazer uma pausa e refletir sobre as perdas diretas, bem como sobre os efeitos colaterais dessa distribuição da riqueza.

Uma das justificativas morais básicas para a economia de livre mercado, isto é, que a busca de lucro individual também fornece o melhor mecanismo para a busca do bem comum, se vê assim questionada e quase desmentida.

\* Um estudo recente do World Institute for Development Economics Research da Universidade das Nações Unidas relata que o 1% mais rico de adultos possuía 40% dos bens globais em 2000, e que os 10% mais ricos respondiam por 85% do total da riqueza do mundo. A metade situada na parte mais baixa da população mundial adulta possuía 1% da riqueza global.

(Zygmunt Bauman. *A riqueza de poucos beneficia todos nós?*, 2015. Adaptado.)

**TEXTO 3**

Um certo espírito rousseauiano parece ter se apoderado de nossa época, que agora vê a propriedade privada e a economia de mercado como responsáveis por todos os nossos males. É verdade que elas favorecem a concentração de riqueza, notadamente de renda e patrimônio.

Essa, porém, é só parte da história. Os mesmos mecanismos de mercado que promovem a disparidade – eles exigem certo nível de desigualdade estrutural para funcionar – são também os responsáveis pelo mais extraordinário processo de melhora das condições materiais de vida que a humanidade já experimentou.

Se o capitalismo exibe o viés elitista da concentração de renda, ele também apresenta a vocação mais democrática de tornar praticamente todos os bens mais acessíveis, pelo aprimoramento dos processos produtivos. Não tenho nada contra perseguir ideias de justiça, mas é importante não perder a perspectiva das coisas.

(Hélio Schwartzman. "Uma defesa da desigualdade". *Folha de S.Paulo*, 14.06.2015. Adaptado.)

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma dissertação, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

**A RIQUEZA DE POUCOS BENEFICIA A SOCIEDADE INTEIRA?**

O tema proposto é uma discussão quanto à concentração de renda. O/a candidato/a deveria ler atentamente os textos da coletânea, que abordam o tema sob diferentes perspectivas:

- um balanço entre uma perspectiva contrária à concentração de renda (marxista) e uma que vê vantagens nela (liberal)
- uma análise quanto ao aumento entre as diferenças entre ricos e pobres e, portanto, um questionamento quanto à concentração de renda
- uma defesa da concentração de renda como um dos fenômenos que, se por um lado aumenta a disparidade entre ricos e pobres, por outro permite o aprimoramento da produção e das condições materiais de vida

A partir dessa leitura, o/a candidato/a deveria responder se a concentração de renda é ou não benéfica para toda a sociedade (ou seja, não apenas para os que concentram bens e riqueza).